

Tendências no Design de Ambientes: um breve estudo de práticas sustentáveis para o novo cotidiano

Trends in Ambient Design: a brief study of sustainable practices for the new daily life

Nadja Maria Mourão, Doutora em Design, Universidade do Estado de Minas Gerais.

nadjamourao@gmail.com

Ana Célia Carneiro Oliveira, Mestra em Design, Universidade do Estado de Minas Gerais.

anaceliadesign@gmail.com

Resumo

O ano de 2020 foi impactado pela pandemia da doença causada pelo novo coronavírus 2019 (COVID-19). Para evitar o contágio, o isolamento social condicionou as pessoas a executarem suas atividades cotidianas em suas residências. Este artigo busca refletir sobre a tendência de transformação dos ambientes de moradia, as ressignificações dos lares e os contextos da vida cotidiana, em sistema de teletrabalho. Pressupõe-se que as atividades de trabalho em casa possam contribuir para a sustentabilidade, reduzindo a mobilidade urbana e valorizando os recursos locais. Em abordagem qualitativa e pesquisa bibliográfica, são analisados alguns efeitos das atuações em teletrabalho residencial, sob o olhar do designer de ambientes. Foi observado que o teletrabalho reduz os custos de transporte urbano, o tempo de deslocamento, a poluição e os riscos de acidentes. Por meio de novas práticas incorporadas ao cotidiano, é possível reduzir os desperdícios em casa, tornando o lar um ambiente sustentável.

Palavras-chave: Design de Ambientes; atividades sustentáveis; teletrabalho.

Abstract

The year 2020 was impacted by the disease pandemic caused by the new coronavirus 2019 (COVID-19). To avoid contagion, social isolation conditioned people to perform their daily activities in their residences. This article seeks to reflect on the trend of transformation of living environments, the resignifications of homes and the contexts of daily life, in a telework system. It is assumed that work at home activities can contribute to sustainability, reducing urban mobility and valuing local resources. In a qualitative approach and bibliographic research, some effects of telecommuting at home are analyzed, from the perspective of the environment designer. It was observed that telecommuting reduces urban transportation costs, commuting time, pollution and accident risks. Through new practices incorporated into everyday life, it is possible to reduce waste at home, making the home a sustainable environment.

Keywords: Environment Design; sustainable activities; telework.

1. Introdução

O ano de 2020 foi impactado pela pandemia da doença causada pelo novo coronavírus 2019 (COVID-19). O isolamento social, para evitar o contágio, condicionou as pessoas a executarem suas atividades cotidianas (como trabalho, ensino e lazer), permanecendo em suas residências. O isolamento social e a quarentena foram soluções imediatas para inibir a contaminação entre os seres humanos, em todos os países. Um ano depois, a humanidade conquistou o desenvolvimento e a distribuição de vacinas, mas os impactos permanecem na vida das pessoas.

Em uma moradia, ambientes internos e externos, há vários conjuntos de artefatos com funções específicas. Os ambientes se configuram em seus móveis e adornos, que preservam seus significados e a história de seus moradores. “Tanto a casa quanto a cidade tornam-se símbolos concretos de uma sociedade, porque refletem os seus valores, sendo produtos culturais. Expressam os valores de quem a concebeu e construiu, como também aqueles que dos que ali viveram ao longo do tempo” (DROGOMIRECKI, 2020, p.17).

O lar, este lugar de vivências familiares, casulo de formação de lembranças individuais e coletivas, recebeu novas designações em processo impactante para os seus habitantes. Segundo Mussi & Côrte (2010), o sentido afetivo da palavra lar, “a casa”, é o lugar proposto à construção de afinidades, conexões, como um estoque de lembranças. A casa, muito mais que um abrigo é também o lugar onde uma pessoa pode criar um ambiente e incorporar o que considerar significativo, ao passar dos anos. Dessa forma, os ambientes se transformam ao longo do dia, adequando-se as atividades efetuadas por seus moradores.

Não há mais estranheza em atividades de teletrabalho em ambientes como dormitórios, cozinhas, salas e varandas. É preciso entender que a definição de teletrabalho é uma forma de atividade profissional à distância, por meio das TICs (Tecnologias da Informação e da Comunicação), conforme Organização Internacional do Trabalho (OIT). O ensino remoto com aulas on-line segue a mesma trajetória, pois também dependem de ferramentas das TICs. Além do efeito psicológico causado pela quarentena, se não houver uma organização espacial na casa, as sensações de angústia e estresse podem afetar os habitantes. “Pessoas e ambientes são um conjunto, portanto, não podem ser pensados separadamente” (PINTO, 2018, p.11). Portanto, uma solução encontrada pela maioria das pessoas foi adaptar os espaços para cada atividade, buscando sempre melhorá-los. Inclusive, algumas pessoas optaram por reformas de suas moradias, proporcionando melhor funcionalidade e conforto aos ambientes.

Este artigo busca refletir sobre a tendência de transformação dos ambientes de moradia, as ressignificações dos lares e os contextos de vida cotidiana, em teletrabalho. A residência familiar, o lar, passou a ser também um lugar-dentro-de-outro-lugar, ou um não-lugar, com novas formas e funções de trabalho, atividades de ensino e lazer compartilhando o mesmo espaço, com equipamentos de informática e objetos pessoais. O termo “não lugares” é utilizado por Augé (2012), para designar um espaço de passagem incapaz de dar forma a qualquer identidade.

Visualizam-se os benefícios econômicos em redução de transporte, seja pelo aproveitamento do tempo no deslocamento físico, nos riscos em mobilidade urbana e

redução do consumo de combustíveis, entre outros. Pergunta-se sobre estas ações para a sustentabilidade e como elas estão sendo incorporadas ao novo cotidiano?

O estudo sobre mobilidade urbana do IPEA apresenta que, na Pesquisa de Orçamento Familiar (POF) do IBGE, realizada em domicílios com posse de veículos privados (automóveis e motocicletas) por faixa de renda per capita (2008-2012), foi observado que as famílias brasileiras “apresentam uma característica de gastar mais com transporte privado do que com público em praticamente todas as faixas de renda. Além disso, esses gastos com transporte privado sobem exponencialmente à medida que a renda aumenta” (CARVALHO, 2016, p.10)

Apresentam-se algumas reflexões sobre atividades cotidianas adaptadas às residências, sob o olhar do designer de ambientes, por meio de pesquisa bibliográfica, em temáticas sobre as tendências em design de ambientes, mudanças no consumo e o teletrabalho. Utiliza-se da metodologia de abordagem qualitativa, que, conforme Minayo (2004, p. 21), “responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado”, devido à diversidade em estilos de vida. As expressões-chave para essa pluralização são as questões a serem respondidas, gerando uma “crescente individualização das formas de vida e dos padrões biográficos e a dissolução de velhas desigualdades sociais dentro da nova diversidade de ambientes, subculturas, estilos e formas de vida” (FLICK, 2009, p. 21).

2. Tendências aplicáveis em design de ambientes

O mundo urbano vem exercendo atividades e compromissos por meio do teletrabalho, nas últimas décadas. Este fato, em especial, vem ocorrendo pelo desenvolvimento das TICs, gerando uma opção perfeitamente viável tanto para as empresas quanto para os funcionários. A pandemia, no entanto, exigiu isolamento social e modificações nas residências para que os ambientes atendessem as demandas de trabalho, lazer e estudo. Considerando as questões do teletrabalho, Miranda (2020) relata que um estudo da Fundação Instituto de Administração (FIA) realizado em abril/2020, diz que o trabalho em casa foi uma estratégia adotada por 46% das empresas durante a pandemia. Sendo que, 34% das organizações pretendem manter 25% dos funcionários neste sistema, após período pandêmico. Portanto, esta tendência no setor de trabalho é provável que se mantenha em alguns setores.

Ao dispor de maior tempo em casa, as pessoas passaram a perceber as condições que moravam e como poderiam manter o conforto do lar, em condições de trabalho nos ambientes. Uma nova preocupação surge com a ventilação, pontos de entrada de luz natural, setorização para as atividades entre os familiares, espaços para higienização na entrada do lar. Ou seja, houve várias mudanças e a relação de uso para com os ambientes internos das casas e de empresas tiveram que se reinventar.

A higiene passou a ser considerada uma das principais preocupações, causando mudanças na rotina de vida, no trato das mãos, do corpo, das compras e também dos ambientes. O hábito de deixar os sapatos fora de casa tornou-se uma prática adotada por muitas pessoas. Parece irrelevante, mas há uma simplificação também no vestuário pessoal e na liberdade no figurino. Assim, a conduta ao sair de casa passou a ter relevância no uso de máscaras de proteção respiratórias, diminuindo a ênfase dos demais adornos.

Pode-se dizer que a decoração dos ambientes tornou-se um desafio para o morador executar suas atividades virtualmente. Hillman (1999) expõe que há a relação entre os hábitos dos moradores, o interior de suas vidas e a estrutura dos lugares onde vivem. Assim, ocorre uma preocupação com o cenário, com a decoração do lar, pois é possível fazer uma leitura da personalidade e dos hábitos de seus ocupantes, pelas imagens disponibilizadas. Dessa forma, apresentam-se em cenários as estantes com coleções de livros e outros itens, fotografias antigas de família, quadros e obras de arte e outros exemplos clássicos, conferindo personalidade e estética ao ambiente.

Além dos cuidados com a setorização e com a higiene, as pessoas se viram compelidas a observarem em suas casas os seus objetos, móveis, adornos e todo e qualquer detalhe no entorno. A permanência dentro dos ambientes por longo período trouxe indagações sobre o consumismo e o apego aos objetos. Bosi (2003) diz que cada ambiente e seus artefatos apontam para uma experiência vivida, uma peripécia afetiva do vivenciador. São estes aqueles objetos que envelhecem junto com o usuário. Como também, “(...) há ocasiões em que a aprovação social assenta as lembranças sobre a operação de ideologias e estereótipos” (Bosi, 2003, p.114). Dessa forma, surge o conflito entre os objetos biográficos e os objetos de consumo, seja por memória afetiva e/ou o valor atribuído pelo marketing de consumo.

Os objetos biográficos são aqueles que representam as experiências humanas de construção afetiva do passado. Entre os exemplos de objetos biográficos, podem ser citadas as fotografias, louças, luminárias, quadros, livros, adornos, entre outros (figura 1). São aqueles objetos preservados pelos significados e expostos em lugares especiais para o portador. Conforme Oliveira e Mourão (2020b), o que diferencia esses objetos de tantos outros são os valores histórico e emocional a eles destinados, que ficam contidos na memória familiar ou da pessoa, de modo individual.



Figura 1: Objetos biográficos em ambientes residenciais. Fonte: Instagram.

A necessidade de ampliação dos espaços de circulação e nichos para trabalho e estudo condicionou aos moradores a avaliarem, quais eram os objetos afetivos e quais poderiam ser deslocados ou adaptados. Ocorreu entre as pessoas necessidades de mudanças, esvaziar gavetas, arrumar armários, desobstruir ambientes, para gerar novas experiências. O desejo de inovar, reformar, ou mesmo de mudar de casa. Sentimentos controversos de manter o que se conquistou ou buscar alternativas.

As emoções podem gerar as escolhas do ser humano, pois elas fazem parte do campo das opções. Norman (2008), diz que as emoções servem, inclusive, de direção para o comportamento humano. Segundo ele, quem entra em ação nessa hora é o sistema afetivo – o responsável, em nosso organismo, por julgar o que é bom ou ruim, seguro ou perigoso.

Rybczynski (2002) escreve que na consciência humana o bem-estar doméstico é uma necessidade básica, que está densamente enraizada no homem e que precisa ser contentada. Trata-se de uma sensação caseira, de intimidade, de privacidade, de domesticidade e de um ambiente aconchegante, marcado pelos vestígios da sua vivência, a sua marca.

Portanto, a tendência estabelecida pelo *Upcycling* adquiriu amplitude na valorização de objetos que poderiam ser reutilizados de forma criativa. Uma prática de tratar os materiais e produtos que normalmente já cumpriram o tempo de vida útil ou deixaram de possuir valor comercial. Neste processo de reinvenção e novas funções, associa-se o design ao processo de transformação de paletes em sofá, uma porta antiga em tampo de mesa, jeans usados em capas se almofadas, entre outros.

Outra tendência em mudança de comportamento das pessoas em seus lares se apresenta na relação com atividades manuais. O crochê e o tricô, atividades geracionais em geral, ganharam o tempo para o lazer. As plantas e hortas, além de comporem os ambientes passaram a ser tratadas com maior evidência. Gressler; Coenga (2017) relatam que uso de plantas nas nossas ambiências residenciais apresenta um papel importante, pois é o local de onde se sai e para onde se volta diariamente. São experiências visualmente prazerosas que podem auxiliar na diminuição do estresse, uma vez que pode alargar emoções positivas. Assim, a temática em biofilia também se configura na tendência do novo cotidiano, conforme Oliveira & Mourão (2020a):

Portanto, muitas pessoas passaram a cuidar mais de suas plantas ou a telas em ambientes de convívio. Assim, pensando no dado científico é normal nos seres humanos possuímos um afeto espontâneo por outras formas de vida, provocado pela afinidade ancestral do ser humano com os outros seres vivos. Isso esclarece o intenso desejo de conviver com plantas e outros animais (OLIVEIRA; MOURÃO, 2020a, p.75)

Na figura 2, são apresentados exemplos em destaques no Instagram, de aplicação de técnicas consideradas geracionais (como crochê, costuras e apliques em jeans) em jogos americanos (pequenos forros de mesa) e o aumento das plantas em residências (biofilia). Em tempos de pandemia, estas são algumas das atividades manuais que se apresentam nos lares, como tendências marcantes nos lares.



Figura 2: Jogos americanos em crochê/apliques em jeans e ambiente em biofilia. Fonte: Instagram.

Contudo, o desejo maior é a estabilidade e a promessa de segurança para um futuro próximo. Novas atividades manuais surgem durante o isolamento social em casa, acompanhando a mudança de comportamento: diminuição do ciclo social de convívio com tempo para cuidados com a casa e objetos pessoais. O acesso à informação não é mais uma tendência, mas uma realidade que se consolidou no cotidiano, contribuindo com o aprendizado, inclusive, das técnicas manuais. Entre outras, buscaram-se respostas para as incertezas e para o ser humano encontrar o equilíbrio desejado.

3. Mudanças em consumo

Antes da Organização Mundial da Saúde declarar que a humanidade estava enfrentando uma pandemia, em março de 2020, a maioria das pessoas saía para trabalhar pela manhã e só retornavam a casa no final do dia ou à noite. Muitas pessoas ficaram sem trabalho e outras com trabalho excessivo, dependendo da área de atuação de cada um. Contudo, o mobiliário residencial precisou ser adaptado ou substituído, para aqueles que passaram a executar suas atividades de trabalho em suas moradias, por meio da informática. No acumulado de 2020, as atividades que somam maiores índices no comércio varejista são móveis e eletrodomésticos (11,6%), segundo a pesquisa mensal de comércio do IBGE (2021). Surgiram novos hábitos e necessidades neste ano, mas o consumismo, como ficou?

A aceleração de consumo foi uma estratégia para o desenvolvimento das nações estabelecida na contemporaneidade. A aquisição de produtos se tornou uma necessidade, física, psicológica, emocional e social. As pessoas passaram a trabalhar para consumir e satisfazer essas necessidades. Assim, há um prejuízo em recursos ambientais na imposição da velocidade de produção tecnológica, sem o tempo necessário para a regeneração da natureza, podendo dar origem à escassez de materiais. Deste modo, “é difícil que uma sociedade que quer se movimentar cada vez mais rapidamente seja também sustentável do ponto de vista ambiental” (BRANDÃO, 2007, p.25).

O consumismo é uma realidade constatada também nos ambientes que se constituem de lares. Objetos obsoletos se amontoam em armários, nas estantes e nos cantos das casas. A maioria das aquisições não segue um padrão de diálogo entre os moradores que culmina em inadequações dos ambientes. Destaca-se inclusive que o lar, este lugar da família, é também a construção da comunicação humana, inicia-se no convívio doméstico e se estende nas relações estabelecidas (OLIVEIRA; MOURÃO, 2020b).

O consumo de mobiliário atinge as todas as classes sociais, para as pessoas com menos recursos efetuam-se compras de produtos de baixa durabilidade, que se refletem no meio ambiente. Sofás, cadeiras, armários e tantos outros artefatos abandonados, queimados, são jogados nas ruas, nos córregos, nos terrenos baldios. Portanto, há uma dupla perda para a sociedade: o investimento em objetos de baixa durabilidade e a forma de descarte, sempre inadequada. Não havendo uma relação afetiva com a família, o mobiliário popular não se torna um objeto de memória. A falta de responsabilidade com o ambiente externo à moradia gera uma inadequação com os descartes destes objetos e mobiliários. Em meio a esse quadro, o mundo vive “uma situação insustentável de carga e descarga para o meio ambiente” (MANZINI; VEZZOLI, 2008, p. 325).

Uma outra motivação para o consumo surge nas vendas por internet. Desde que a internet se tornou popular na década de 1990 há um crescente número de usuários e o acesso a informação vêm aumentando aceleradamente. O consumidor passou a ter autonomia para pesquisar, comparar, adquirir e também reclamar. É certo que as vendas por internet abrandam o problema de mobilidade urbana e suas consequências. As cidades deveriam atender aos habitantes e não aos veículos, conforme esclarecimentos da ativista urbanista Jane Jacobs (2001). A primeira edição de seu livro “Vida e morte das grandes cidades americanas”, ainda nos anos de 1960, alertou para a necessidade de mudanças na estrutura das cidades.

O desenvolvimento econômico da nação também se reflete no sistema de transporte. Uma greve de caminhoneiros prejudica todos os setores, pois são eles que transportam todas as mercadorias. Dessa forma, a sociedade depende de uma rede de transporte eficiente para atender as suas necessidades, principalmente para as suas aquisições por internet.

A busca pela humanização dos ambientes conduz o olhar dos designers à análise por aspectos diversos. Percebe-se que o consumismo não preenche o sentimento de angústia e solidão humana e que o mundo digital e as redes sociais ocupam, mas não resolvem os problemas pessoais. O que as pessoas estão sentindo falta? Observamos então a sede das pessoas por passeios ao ar livre, o amor a natureza, o toque nas plantas, o olhar pausado no verde, ou seja, as relações da biofilia (OLIVEIRA; MOURÃO, 2020a).

4. Design de ambientes sustentável e o teletrabalho

Nas últimas décadas, o design sustentável vem sendo apresentado como uma alternativa para “diminuir ao máximo os impactos ambientais, maximizar os objetivos econômicos, o bem-estar social e propor um valor de responsabilidade de não prejudicar o meio ambiente” (PAZMINO, 2007, p.8). Entre outros setores de atuação, o designer de interiores concentra esforços para reduzir custos e recursos em seus projetos.

Kang e Guerin (2009) definem o Design de Interiores Sustentável como um conjunto de sistemas e materiais projetados com o objetivo de minimizar os impactos negativos sobre o meio ambiente e seus ocupantes, evidenciando as soluções positivas para os sistemas ambientais, econômicos e sociais, nas edificações. Os autores relatam, no entanto, que as questões ambientais ainda não são substancialmente consideradas no projeto, considerando apenas os materiais e a qualidade ambiental do ambiente interno como ênfase à sustentabilidade.

O designer de ambientes considera, em sua atuação, os princípios se refletem deste a escolha consciente dos materiais ao aproveitamento máximo dos espaços. Aspectos como eficiência energética, reaproveitamento ou reciclagem de materiais e otimização dos produtos são determinantes para a construção de ambientes do design para a sustentabilidade. “Trata-se de um planejamento dos ambientes e produtos com baixo impacto ao meio ambiente, atendendo às necessidades dos usuários privilegiando o conforto” (MOURÃO et al., 2019). Dessa forma, pelo bem-estar e satisfação, as emoções e a afetividade surgem, o que implica numa relação de uso e conservação do mobiliário.

Em design de ambientes, estas emoções se configuram no ambiente planejado, fundamentadas na qualidade de vida. O design, atividade capacitada pela criação, inovação e invenção de lugares e artefatos que irão compor a cultura material de determinado local, deve aferir em seu processo de incremento os símbolos, informações e comportamentos da cultura no qual o produto estará inserido (OLIVEIRA; MOURÃO, 2020b).

Dessa forma, saber o que as pessoas realmente precisam e como elas poderão ter melhor qualidade de vida na realidade atual é um desafio para os profissionais do design de ambientes, arquitetos, construtores, comerciantes e outros. Se a transferência das atividades de trabalho, estudo e lazer se concentram nas residências será preciso analisar o potencial de economia gerado e se as vantagens são superiores ao sistema de trabalho anterior.

Asseguradamente, muitos relatos de eficiência econômica já haviam sido registrados em pesquisas antecessoras ao período de pandemia, em relação ao trabalho em teletrabalho. No entanto, Haubrich, & Froehlich (2020) apontam seus estudos que: há uma redução de encargos fixos para a empresa relativos à presença de trabalhadores em suas instalações; o sistema em teletrabalho apresenta eficiência produtiva; podem-se gerar formas flexíveis de trabalho (em tempo parcial, compartilhado, etc); eliminam-se os custos e de tempo gasto em deslocamento até o trabalho; ocorrem também menos encargos de transportes públicos; surgem melhorias ambientais com a redução da poluição e do tráfego urbano; aumentos de qualidade de vida pelo avanço para o trabalhador.

Contudo, desde o início da pandemia, houve um aumento de consumo de energia elétrica nas residências para atender as atividades de teletrabalho, ensino e contato social. No entanto, apenas 3% dos trabalhadores em teletrabalho solicitaram algum reembolso referente às contas de luz e internet para suas empresas. 97% absorveram o aumento das despesas em seu orçamento, de acordo com pesquisa no site Avelareduarte.com.br (2020). Dessa forma, as atividades para reduzir os custos nas moradias foram aplicadas em função da redução da remuneração trabalhista e por conscientização da rotina das atividades em casa.

Certo é que, ao reduzir os desperdícios em casa, as pessoas perceberam que novas atividades poderiam ser incorporadas ao cotidiano, tornando o lar mais sustentável: avaliação dos itens de compra para alimentação e manutenção da família; redução de consumo de roupas, calçados e adornos; atenção ao uso da energia elétrica; venda ou doação de móveis, equipamentos e objetos que não são úteis nas moradias; aproveitamento de cascas de alimentos para adubagem de plantas; adequações nos horários de teletrabalho, ensino e lazer; implemetação de atividades recreativas com os familiares. São simples ações ambientalmente corretas, que qualquer pessoa pode executar. Conforme Peixoto & Pereira (2013), entende-se as pessoas podem adotar hábitos sustentáveis independente da condição financeira, pois a responsabilidade ambiental decorre de valores pessoais.

Medeiros (2020) aborda a questão pós-pandemia, de mudança de atitudes para promoção do desenvolvimento sustentável:

Quando a Covid-19 for controlada, os países precisarão decidir como será o recomeço, ou seja, se manterão o desenvolvimento econômico degradador ou se, ao analisarem as pesquisas que demonstram que é possível sim melhorar a qualidade ambiental e que a destruição do meio ambiente pode vir a causar outras pandemias que interromperão novamente o crescimento das nações, irão preferir um desenvolvimento sustentável. A população mundial tem capacidade de mudar a realidade ambiental que era vivida em um mundo anterior a

pandemia, bastando ponderar com as consequências que ainda podem decorrer da degradação ambiental.

Atitudes para a sustentabilidade deveriam ser implantadas por todos, incluindo os indivíduos, os governos, as indústrias, as empresas, as escolas, etc. “A seleção dos resíduos gerados nas casas e outros ambientes humanos significam a diferença entre destruir ou manter o equilíbrio ambiental com a geração de elementos renováveis” (MELO, 2013, p.34). Atitudes simples podem apresentar resultados eficazes em futuro próximo.

5. Considerações finais – possíveis mudanças

Especialmente no contexto atual, busca-se a reflexão constante sobre as escolhas e atitudes de cada pessoa na vida em sociedade. Não foram considerados nestas reflexões os problemas clínicos pandêmicos, questões governamentais, desemprego, aumento da pobreza, elementos psicológicos, religiosos e outros fatores que, por ação sistêmica entre todos os povos no planeta, podem justificar as análises. Tratou-se de uma reflexão específica sobre a tendência de transformação das pessoas em suas residências.

O impacto ambiental que a sociedade enfrenta não é de tudo uma novidade. Alias, esclarecimentos de pesquisadores e ativistas nas últimas décadas, apresentam um panorama de consequências no meio ambiente, em evidência de risco para a humanidade. Dessa forma, são aceitáveis as ressignificações dos lares e novas formas de conduzir as atividades no cotidiano.

Atuações para a sustentabilidade que se apresentam na atualidade partem de ações pontuais, pois nem toda sociedade percebe que alguns setores necessitam de mudanças comportamentais, desde a destinação correta de resíduos à utilização de insumos e recursos naturais. Há também outras questões, pois alguns setores de produção e serviços ainda permanecerão sob condutas de supervisão, de forma que a transmissão do coronavírus (COVID19) esteja controlada.

Há um debate sobre a mobilidade urbana e a necessidade de substituir o uso do carro pelo uso do transporte público. Seja para redução da poluição do ar, como forma de proteção da camada de ozônio, como também sobre a importância da economia de energia elétrica, água, entre outros recursos. O teletrabalho contribui com essa estratégia na medida em que incentiva as pessoas a substituírem o transporte particular, o que representa menor emissão de poluentes na atmosfera, conforme Medeiros (2020).

Um fator importante é que, considerando as medidas de isolamento social, as pessoas tendem, quando possível, a trabalhar e estudar em suas próprias residências, evitando sair com seus automóveis e fazer viagens de avião, o que reduz a emissão de gases poluentes. Prova disso está nos resultados da pesquisa divulgada pela revista Nature Climate Change (ABERNETHY; et al, 2020), em que restou constatado que a média diária de emissão de dióxido de carbono no mundo reduziu em 17% no início de abril de 2020, quando comparado ao mesmo período do ano de 2019 (MEDEIROS, 2020, p.15).

É preciso que as pessoas sejam mais conscientes no consumo tanto de recursos (água, eletricidade, materiais, entre outros) uma vez que é possível organizar melhor e realizar as atividades e comunicação de forma digital. Além disso, deve-se aproveitar a iluminação, adaptar o espaço físico e desenvolver ações mais sustentáveis.

Refletiu sobre a capacidade humana de adaptar a vida de acordo com as adversidades e que é possível aprender e mudar a realidade ambiental, a partir da experiência vivida nesta quarentena para o futuro. Portanto, aplicar alternativas para poupar recursos naturais é ainda o meio mais eficaz da sociedade contribuir com o meio ambiente. Pode-se gerar funcionalidade e também padrões de economia dos recursos para os ambientes em residências, permanecendo com o sistema de teletrabalho. Contudo, o lar, como reduto de aconchego humano, será sempre um lugar no mundo para abrigar os laços afetivos, qualidade de vida que “não tem preço”.

Referências

- AUGÉ, M. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 2012.
- AVELAREDUARTE.COM.BR. Internet no Brasil 2020 (estatísticas). Disponível em: <https://www.avellareduarte.com.br/internet-no-brasil-2020estatisticas/>. Acesso em: 14 fev. 2021.
- BOSI, E. **Tempo vivo da memória**. São Paulo, Ateliê, 2003.
- BRANDÃO, M. L. F. **Design sustentável**: O uso da matéria prima renovável. Um estudo de caso da produção do couro vegetal no norte do Brasil. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- DROGOMIRECKI, S. B. R. A presença do patrimônio histórico e cultural na Cidade de Goiás. POSSION (org). **Estudos Brasileiros sobre Patrimônio – Volume 4**. Belo Horizonte: Editora Poisson, 2020, p.16-26.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GRESSLER, Sandra Christina; COENGA, Danielle. Plantas em casa – ter ou não ter? Eis a questão. **Psicologia Argumento**. Vol. 35, nº 89, p. 01- 20, mar/jun. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.35.89.24226>.
- HAUBRICH, Deise Bitencourt; FROEHLICH, Cristiane Benefícios e Desafios do Home Office em Empresas de Tecnologia da Informação. Revista Gestão & Conexões. Vitória (ES), v. 9, n. 1, jan./abr. 2020
- HILLMAN, J. **Re-imaginar la psicología**. Madrid: Ediciones Siruela, 1999.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Indicadores IBGE**: pesquisa mensal de comércio. 2021. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=7230>. Acesso em: 14 fev. 2021.
- JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades americanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- KANG, M. Y.; GUERIN, D. A. The state of environmentally sustainable interior design practice. **American Journal of Environmental Sciences**, v. 5, n. 2, p. 179-186, 2009.
- MANZINI, E.; VEZZOLI, Carlo. O desenvolvimento de produtos sustentáveis: Os requisitos ambientais dos produtos industriais. São Paulo: Edusp, 2002.

MEDEIROS, I. S. Degradação ambiental: a causa e a solução apresentada com a pandemia. In: CAMBI, E. (org.). **Pandemia da Covid-19: reflexões sobre a sociedade e o planeta**. Curitiba: Escola Superior do MPPR, p.15, 2020.

MELO, S. S. A importância do Conhecimento das Formas Geométricas para o Design Sustentável. In: **Anais do IV Simpósio Brasileiro de Design Sustentável (SBDS) + International Symposium on Sustainable Design (ISSD)**, 1ª Ed. Porto Alegre: Escola de Design Unisinos, 2013.

MINAYO, M. C. S. et al. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2004.

MIRANDA, S. **Home office e tempo maior no ambiente doméstico pedem algumas mudanças e cuidados**. Postado em: 19 out.2020. Site FIBBAURU.BR. Disponível em: <https://fibbauru.br/site/conteudo/1400-tempos-de-pandemia-coordenadora-da-pos-em-des.html>. Acesso em: 20 fev. 2021.

MOURÃO, N. M.; ENGLER, R. C. ; OLIVEIRA, P. M. ; OLIVEIRA, P. M. . Design de ambientes e as tecnologias sociais: boas práticas para o desenvolvimento de projetos sociais com materiais recicláveis. In: VII Encontro de Sustentabilidade em Projeto – ENSUS.2019, Florianópolis. **Anais do ENSUS.2019**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, v. 4. p. 710-723, 2019.

MUSSI, L. H.; CÔRTE, B. O significado “afetivo” daquilo que chamamos “casa”: Uma reflexão através do cinema. In: **Caderno Temático Kairós Gerontologia**, n 8. ISSN 2176-901X, São Paulo, novembro 2010, p. 231-242.

NORMAN, A. Donald. **Design emocional**. Por que adoramos (ou detestamos) os objetos do dia-a-dia. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

OLIVEIRA, A. C. C.; MOURÃO, N. M. **Biofilia**: a importância do verde sob o olhar do design. **Revista DINTBR**, Araçoiaba da Serra: Design de Interiores Brasil, n. 3, ano I, 2020 (a).

OLIVEIRA, A. C. C.; MOURÃO, N. M. Lugares vividos: Valorização do patrimônio familiar através do design para a felicidade. POSSION (org). **Estudos Brasileiros sobre Patrimônio – Volume 4**. Belo Horizonte: Editora Poisson, 2020 (b), p.116-125.

PAZMINO, A. V. Uma reflexão sobre Design Social, Eco Design e Design Sustentável. In: **I Simpósio Brasileiro de Design Sustentável**. Curitiba, set./2007.

PEIXOTO, A. F.; PEREIRA, R. C. F. Discurso versus Ação no Comportamento Ambientalmente Responsável. **Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade – GeAS**, vol. 2, nº2, 2013.

PINTO, H. F. Psicologia do design de interiores: Sua influência sobre o homem e seus espaços. **Revista Especialize On-line IPOG**, Goiânia, Ano 9, Edição nº 16 Vol. 01 Dez./2018.

RYBCZYNSKI, W. **Casa**: Pequena história de uma idéia. Rio de Janeiro: Record, 2002.